

LUDICIDADE COMO PRINCÍPIO ACADÊMICO: A CONVERSA COMO JOGO NO II CIPA

Karyne Dias Coutinho¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Jefferson Fernandes Alves²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34212

Os textos desse dossiê são resultado de parte do trabalho desenvolvido no decorrer do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (CIPA), que aconteceu de 8 a 12 de novembro de 2021, e que discutiu as (im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia. Promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o evento foi realizado pelo Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender, com o apoio do Centro de Educação e do Departamento de Artes da UFRN. Seu desenvolvimento estava previsto como ação final de um projeto de extensão vinculado às turmas de Estágio da Licenciatura em Teatro, intitulado “Formação de Professores/as de Artes/Teatro”, e efetivado em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), com o Núcleo de Educação da Infância (NEI/Cap-UFRN) e com o grupo de docentes

¹ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Pós-Doutorado em Artes pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Contato: kdiascoutinho@gmail.com

² Doutor em Educação - UFRN. Atua na graduação - licenciatura em Teatro, e no Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRN. Contato: jefferson.alves@ufrn.br

de artes da Secretaria Municipal de Educação de Natal/RN, no decorrer de 2020 e 2021 — os dois anos mais acirrados da pandemia da Covid-19 no Brasil, que demandaram uma série de alterações em diversos âmbitos da vida, incluindo-se as práticas educacionais em diferentes instituições, sobretudo nas escolas públicas.

Se, por um lado, a necessidade de distanciamento físico naqueles dois anos colocou os cotidianos escolares em estado de suspensão, por outro lado, o longo tempo de duração da pandemia (agravado pela falta de política pública efetiva e célere por parte do governo federal vigente em 2020-2021) e os múltiplos impactos e desdobramentos que essa situação extrema nos colocou incitaram o seu enfrentamento por meio da experimentação de tentativas educacionais que se lançassem ao desafio de compor com os novos cenários. Considerando as dimensões que esse desafio encontrou no caso da docência em teatro, o Colóquio Poéticas do Aprender convidou as pessoas interessadas a conversarem em torno das seguintes perguntas: o que docentes e estudantes de artes/teatro estavam propondo, investigando, criando para as suas aulas no formato remoto? O que sentiam os/as docentes de artes/teatro em relação à sua atuação profissional naqueles dois difíceis anos da pandemia? Que aulas de artes/teatro foi possível compormos a partir dessas novas realidades? O que as aulas de artes/teatro aprenderam e ofereceram às experiências educacionais naquelas novas composições?

O evento teve basicamente dois tipos de atividades.

Um tipo de atividades consistiu em Mesas de Conversa, compostas por professores/as convidados/as, e transmitidas pelo Youtube do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN), a saber: a Mesa de Abertura, intitulada (im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia, composta por Narciso Telles (UFF) e Taís Ferreira (UFRGS); a Mesa sobre as Artes na BNCC e na BNC Formação, composta por Carolina Romano (UNESP) e Marlete Chafraatth (UNESPAR); a Mesa sobre Ensino de Teatro em Angola,

composta por Mbandu Luvumbo Nsingui, Paulino Tchiloia Bimba Lunono, Manuel Francisco João da Costa e Nelson Sampaio Máquina (mestrandos do PPGARC/UFRN e professores do Complexo das Escolas de Arte e Faculdade de Artes da Universidade de Luanda, Angola); a Mesa com Leitura Dramática, composta pelo Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias, coordenado por Carminda Mendes André (UNESP); e a Mesa Para Não Encerrar, composta por Nahomi Bonilla Sainz (Universidad Veracruzana, Xalapa, Veracruz, México) e Nerina Raquel Dip (Universidad Nacional de Tucumán, Argentina). Algumas conversas realizadas nessas Mesas resultaram em textos que compõem a *primeira parte desse dossiê*.

O outro tipo de atividades consistiu nos Grupos de Conversa, compostos pelas pessoas que inscreveram seus trabalhos: como se tratou de um Colóquio, os participantes foram convidados a conversarem sobre o tema do evento. Assim, não tivemos a típica inscrição como “ouvinte”: a proposta era a de todos os participantes integrarem Grupos de Conversa (GC), no interior dos quais poderiam se sentir à vontade para ouvir e também falar. A única condição para participar dos GC era escrever um texto curto que versasse sobre o tema do evento, contemplando pelo menos uma das questões propostas.

Lançado o convite, mais de 200 pessoas escreveram seus textos e participaram dos Grupos de Conversa do II CIPA. O que nos surpreendeu, para além do número de inscritos (já que inicialmente esperávamos em torno de 30 a 40 inscrições), foi a diversidade de locais onde o evento chegou, tendo recebido textos de professores e professoras de artes de 56 cidades, distribuídas em 22 estados brasileiros, contemplando as 5 regiões do país, o que nos pareceu bastante interessante no sentido de qualificar as conversas sobre o ensino de teatro em tempos de pandemia no Brasil.

Após a semana de realização do evento, os 109 textos aprovados pelo Comitê Científico para publicação foram organizados em quatro tópicos: 1) Escolas, 2) Estágios, 3) Universidades e Projetos e 4) Reflexões Livres, e foram

publicados em dois livros lançados em 2022 pela Editora da UFRN (COUTINHO, ALVES, 2022a; 2022b).

Mas além dos textos prévios entregues pelos participantes no ato da inscrição (textos que já foram publicados nos dois referidos livros), os jogos propostos no interior dos GC geraram também textos reflexivos escritos pelos coordenadores de cada GC refletindo sobre a experiência de propor a conversa acadêmica como um jogo. Alguns desses textos compõem *a segunda parte desse dossiê*.

Por fim, *a terceira parte desse dossiê* é composta por textos coletivos escritos pelos participantes de cada GC, como um exercício experimental de escrita coletiva de culminância dos jogos de conversa.

Assim, as três partes que compõem esse dossiê — 1) textos de convidados/as das Mesas de Conversa; 2) textos dos coordenadores dos Grupos de Conversa; e 3) textos coletivos de cada Grupo de Conversa — relatam, analisam, historicizam um pouco do que experimentamos no II CIPA promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da UFRN.

O cerne da nossa proposição estava na tentativa de vivermos de fato, na sua forma, a natureza do evento proposto: um *colóquio* e não um congresso ou um seminário. De modo geral, um *congresso* convida congressistas, que são geralmente especialistas num determinado tema, para dissertarem sobre ele; num *seminário*, o que se faz é geralmente apresentar trabalhos. E num *colóquio* (que é sinônimo de conversação) de modo geral se convida as pessoas a conversarem sobre um determinado tema.

Assim como no campo da produção de conhecimento alguns estudiosos já falam em conversa como metodologia de pesquisa (RIBEIRO et al., 2018), os pesquisadores do Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq/UFRN) se perguntaram quais as potencialidades da conversa (entendida como um jogo) num evento acadêmico. Apostando na força da *re-união* de pessoas, o II CIPA convidou os participantes ao exercício de alguns princípios, tais como a escuta

sensível, a fala franca, a experimentação do uso das palavras: de que modos as palavras, quando (não hierarquicamente) escutadas e ditas por diferentes pessoas, podem se relacionar e podem se compor? Nesse sentido, a conversa foi proposta no evento como um jogo, movimentando-se na direção de se experimentar os dizeres alheios antes de interpretá-los, de tentar compor com o que as pessoas estavam falando antes de se colocar contra ou a favor, de envolver-se em jogos de contradições caso algum pensamento apresentado lhe fosse estranho: é possível exercitarmos uma postura afirmativa das falas e irmos compondo com o que delas se pode fazer? Com as brechas do que é dito?

O exercício destes princípios foi proposto aos participantes dos Grupos de Conversa, incluindo-se também os próprios coordenadores, que estiveram convidados a se experimentarem nesse lugar da coordenação considerando, em relação a si, os mesmos princípios do evento. Assim, nos Grupos de Conversa não se pretendeu a priori ensinar nada, embora juntas as pessoas puderam aprender muitas coisas que não sabiam de antemão quais seriam.

Se a conversa foi proposta no evento como um jogo, tem-se assim que a ludicidade foi outro princípio fundamental do II CIPA. Com relação a isso, pode-se considerar que, na área da educação, de modo geral, a ludicidade aparece quase que exclusivamente relacionada à criança pequena. Propondo uma ampliação dessa ideia, o Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender parte do princípio de que a ludicidade é inerente às experiências do aprender em qualquer idade que se tenha, na medida em que *o aprender* é uma experiência essencialmente lúdica, independente de ser criança ou não: trata-se do jogo que se estabelece entre alguém e um determinado saber. Em outras palavras: mesmo que se entenda geralmente que “o lúdico é uma brincadeira (uma atividade) de criança”, o jogo pode estar ligado às experiências mais profundas e complexas de alguém em seus processos de aprender, independentemente da idade que se tenha (ROMANELLI, 2016). Isso supera e amplia a ideia da ludicidade entendida simplesmente como diversão e entretenimento de criança.

Uma aula (ou uma atividade acadêmica como o II CIPA por exemplo) que tem a ludicidade como princípio aposta no caráter essencialmente lúdico das relações que cada pessoa tem consigo e com o mundo quando se lança à aventura de ir além do seu próprio limite atual, pela via do aprender, em busca de algum outro possível que ela pode abrir para si. E, como toda aventura, isso implica algum risco e alguma exposição, que cada pessoa vai experimentando e ajustando em relação a si, na companhia de outros e outras.

Brevemente considerados alguns princípios do II CIPA, esperamos que a leitura desse dossiê inspire eventos científicos nas áreas da educação e das artes que considerem a dimensão criativa e poética dos fazeres acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Karyne Dias; ALVES, Jefferson (org.). (Im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia. Natal: EDUFRN, 2022a. vol. 1, 414p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/50765>. Acesso em 12 set. 2023.
- COUTINHO, Karyne Dias; ALVES, Jefferson (org.). (Im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia. Natal: EDUFRN, 2022b. vol. 2, 419p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/50766>. Acesso em 12 set. 2023.
- RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmem Sanches (org.). Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- ROMANELLI, Guilherme Gabriel Ballande. Falando sobre a arte na Base Nacional Comum Curricular – BNCC: um ponto de vista da educação musical. Linguagens, Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v.10, n.3, p.476-490, set./dez. 2016.